

ESTRATÉGIAS

Preparação do Fórum

A FAPESP sediou, entre os dias 29 e 31 de agosto, o primeiro de sete encontros preparatórios para o Fórum Mundial de Ciência, que será realizado em novembro de 2013 no Rio de Janeiro com o tema “Ciência para o Desenvolvimento Global: da Educação para a inovação”.

Uma videoconferência de Michael Clegg, professor de genética da Universidade da Califórnia, abriu o encontro preparatório – o furacão Isaac de última hora impediu o seu voo para o Brasil. Clegg falou sobre o papel das redes de academias de ciência e das redes formadas por elas. Um cardápio variado de temas foi discutido, das formas de fazer ciência aos problemas de governança, dos esforços no campo da educação aos desafios enfrentados no século XXI pelas áreas do conhecimento. Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da FAPESP, fez uma apresentação sobre “As diferentes facetas da ciência” e abordou a extrema complexidade da ciência, um modo de conhecimento inspirado pelas ideias. “O lugar das ideias, o lugar das ciências não é só nas universidades,



mas nas empresas também”, disse Brito. Ele mostrou, com exemplos, como há ideias que demoram para ir ao mercado, outras que chegam lá mais rapidamente e existem aquelas que se desenvolvem só pelo prazer do conhecimento. Observou que as relações entre a ciência e suas aplicações têm sempre um caráter sinuoso. Luiz Davidovich, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, falou sobre as várias percepções e importância da ciência básica ao longo da história, como a física quântica delineada no início do século XX por jovens cientistas sem nenhum aspecto utilitário, mas que ao longo dos anos foi utilizada em aplicações como lasers, *chips* e aparelhos de ressonância magnética.

Abertura da reunião preparatória: José Arana Varela, diretor-presidente do CTA da FAPESP; Helena Nader, presidente da SBPC; o presidente da FAPESP, Celso Lafer; o ministro da Ciência e Tecnologia, Marco Antonio Raupp; Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências; e Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da Fundação

Lafer recebe título de professor emérito

O presidente da FAPESP, Celso Lafer, recebeu o título de professor emérito do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da Universidade de São Paulo (USP), em cerimônia realizada no dia 15 de agosto. Vinculado ao instituto desde o início de suas atividades, em 2004, Lafer é o primeiro professor emérito da unidade. O quadro acadêmico do IRI é formado por cientistas políticos, economistas, historiadores, juristas, administradores e sociólogos vinculados a outros departamentos da universidade. Lafer é professor aposentado da Faculdade de Direito da USP, onde chefiou o Departamento de Filosofia e Teoria Geral

do Direito. Foi ministro das Relações Exteriores e do Desenvolvimento. Embaixador, comandou a Missão Permanente do Brasil junto às Nações Unidas e à Organização Mundial do Comércio em Genebra. De acordo com a diretora do IRI, Maria Hermínia Tavares Almeida, Lafer não só recebeu o título pelo papel importante que desempenhou na unidade, mas principalmente por se tratar de um fundador da área de relações internacionais no Brasil, cuja obra permitiu estabelecer um pensamento original sobre política exterior. A trajetória de Lafer foi apresentada na cerimônia pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Qualidade das publicações

A Universidade de São Paulo (USP) vai centralizar os serviços de revisão e tradução de artigos de suas revistas científicas. “Vamos contratar empresas com qualidade internacional e passaremos a oferecer o serviço às publicações”, diz Sueli Mara Soares Pinto Ferreira, diretora técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBi) da USP. Atualmente, cada corpo editorial é responsável por contratar seus próprios colaboradores por licitação – um processo demorado e de qualidade desigual. A iniciativa faz parte de um conjunto de



estratégias para ampliar o impacto das cerca de 200 revistas científicas publicadas por unidades da USP e aumentar a repercussão internacional da produção científica da universidade. Tais ações já vêm rendendo frutos. Em julho, a USP foi classificada na 15ª posição no Webometrics Ranking

of World Universities. Trata-se da única instituição de fora dos Estados Unidos entre as 20 mais bem colocadas. O ranking, divulgado pelo Cybermetrics Lab, da Espanha, afere a presença e relevância das universidades na internet, ou seja, a visibilidade da produção científica e acadêmica disponível na rede.

França homenageia pesquisadores brasileiros

O diretor científico da FAPESP, Carlos Henrique de Brito Cruz, e outros três acadêmicos brasileiros receberam no dia 13 de agosto a Palme Académique, uma das mais importantes condecorações concedidas pelo governo da França. Além de Brito Cruz, foram homenageados os professores Adnei Melges de Andrade, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), Renée Zicman, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), e José Celso Freire Junior, da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá da Universidade Estadual Paulista (Unesp). A cerimônia foi conduzida pelo cônsul-geral da França em São Paulo, Sylvain Itté, com participação do presidente da FAPESP, Celso Lafer. Criadas em 1808, as Palmes Académiques são concedidas a

personalidades que tenham prestado serviços relevantes à educação francesa ou contribuído para a expansão da cultura francesa. São outorgadas na forma de uma ordem com três graus: Commandeur, Officier e Chevalier. Brito Cruz e Andrade foram nomeados Commandeur, Zicman recebeu o grau de Officier e Freire Junior foi nomeado Chevalier. “Os percursos dos condecorados testemunham a intensidade da cooperação entre o Brasil e a França”, afirmou Itté. De acordo com o cônsul, Brito Cruz promoveu a internacionalização ao longo de sua trajetória – especialmente como reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), de 2002 a 2005, e diretor científico da FAPESP – e contribuiu para o estreitamento de relações com a França.



Representação do Cerro Chajnantor Atacama Telescope, no Chile: início de operação em 2017

Telescópios ameaçados de fechar

Um painel de especialistas convocado pela National Science Foundation (NSF) recomendou que a agência norte-americana deixe de investir em seis de seus observatórios astronômicos a partir de 2017. Quatro deles estão instalados no estado do Arizona. Outros dois são rádio-observatórios – um fica no estado de Virgínia Ocidental, enquanto o segundo é uma coleção de antenas espalhadas por várias localidades. James Ulvestad, dire-

tor da Divisão de Ciências Astronômicas da NSF, disse à revista *Nature* que espera encontrar novos operadores para os telescópios nos próximos 18 meses. Se não der certo, a agência irá considerar o fechamento das instalações. A meta é economizar US\$ 20 milhões gastos anualmente pela NSF e garantir recursos para dois telescópios que serão construídos no Chile. Um deles é o Large Synoptic Survey Telescope (LSST). Dotado de um

espelho de 8,4 metros de diâmetro, irá mapear o céu noturno com a ajuda de uma câmera digital de 3 bilhões de pixels. O outro é o Cerro Chajnantor Atacama Telescope, que se debruçará sobre as origens cósmicas de estrelas, planetas e galáxias. “Sem esse corte de despesas, não conseguiremos fazer coisas novas”, disse Michael Turner, diretor do Kavli Institute for Cosmological Physics da Universidade de Chicago.